

**As contribuições de Enrique Dussel para a pesquisa educacional**

*Enrique Dussel contributions to educational research*

Sulivan Ferreira de Souza  
**Universidade Federal do Pará (UFPA)**  
Altamira, PA, Brasil

**Resumo**

O artigo objetiva debater as contribuições do Método Analítico de Enrique Dussel para a pesquisa educacional. Esse trabalho é um ensaio teórico e experiencial que congrega vivências no campo da pesquisa educacional, com a filosofia de Dussel em diálogo com os pensadores vinculados ao movimento modernidade/colonialidade/decolonialidade. Para Dussel, o método busca estabelecer diretrizes para conhecer os fenômenos da realidade social e ir além dos procedimentos, protocolos e técnicas de investigação científica. Eleger um método, especialmente nas ciências humanas e sociais, é se posicionar diante do mundo e diante das problemáticas sociais. Pesquisar, desde a exterioridade do sistema-mundo moderno/colonial, traz inúmeros desafios e limitações pois, realizar uma investigação que respeite e reconheça as alteridades dos processos educativos, demanda novos rigores metodológicos e teóricos.

**Palavras-chave:** Pesquisa Educacional; Enrique Dussel; Decolonialidade/Decolonial.

**Abstract**

This article aims to discuss the contributions of Enrique Dussel's Analytical Method to educational research. This work is a theoretical and experiential essay that brings together experiences in the field of educational research, with Dussel's philosophy in dialogue with thinkers linked to the modernity/coloniality/decoloniality movement. For Dussel, the method seeks to establish guidelines for getting to know the phenomena of social reality and to go beyond the procedures, protocols and techniques of scientific investigation. To choose a method, especially in the humanities and social sciences, is to position oneself in the face of the world and in the face of social problems. researching from outside the modern/colonial world-system brings numerous challenges and limitations, carrying out research that respects and recognises the otherness present in educational processes demands new methodological and theoretical rigours.

**Keywords:** Educational Research; Enrique Dussel; Decoloniality/Decolonial.

## **Introdução**

O presente trabalho objetiva debater as contribuições do Método Analético de Enrique Dussel para a pesquisa educacional. Esse manuscrito se configura como um ensaio teórico e experiencial, o qual congrega vivências no campo da pesquisa educacional, aportado nas elaborações filosóficas de Enrique Dussel, em diálogo com a base teórica metodológica dos autores e autoras vinculados ao movimento modernidade/colonialidade/decolonialidade (Curiel, 2007, 2019; 2008; Segato, 2012; Maldonado Torres, 2016; Quijano, 2007; Grosfoguel, 2009).

Minhas experiências no campo da pesquisa educacional dos últimos 10 anos trouxeram uma série de questões epistemológicas, pedagógicas e políticas, as quais provocaram a escrita desse texto, questões exigentes de reflexão contínua acerca do tipo de pesquisa que estou construindo, bem como os questionamentos sobre a coerência epistêmica e ética das abordagens orientadoras das minhas investigações. Como um pesquisador vinculado ao campo da educação popular libertadora e das pedagogias decoloniais, trago princípios, ao longo da minha trajetória, os quais compreendem o processo de pesquisa como um caminho dialógico, diverso e com compromisso ético com o Outro.

Nessa jornada de investigação-ação, surgem as seguintes indagações: Como construir uma pesquisa decolonial? Como elaborar uma investigação a qual considere os/as sujeitos/as como co-pesquisadores/as e/ou coautores/as? Como produzir conhecimento a partir das alteridades? Como respeitar as dinâmicas sociais e territoriais dos coletivos envolvidos? Como realizar um trabalho científico com coletivos de educação? Como evitar abordagens, dispositivos e técnicas colonizadoras de pesquisa? Evidente a inexistência de respostas prontas e definitivas para essas indagações, contudo, se busca, nesse texto, assinalar algumas alternativas/propostas e/ou diretrizes para uma pesquisa educacional descolonizadora.

Aqui, apresento algumas elucubrações e aprendizados a partir dos estudos das produções de Enrique Dussel e o seu método Analético, as contribuições da Rede Modernidade/Colonialidade/Decolonialidade e os trabalhos de pensadores/as críticos da América Latina e Caribe. O artigo está organizado em 6 momentos, a saber: a) introdução; b) Pesquisa Científica, Educação e Método Analético; c) O Método Analético: construção conceitual; d) O Método Analético: construção de redes epistemológicas; e) O método Analético e Investigação – Ação Participativa: Diretrizes para uma pesquisa educacional

descolonizada; e f) Considerações Finais.

### **Pesquisa Científica, Educação e Método Analético**

O saber/fazer da pesquisa científica exige, dos investigadores, o uso de um método, isto é, estabelecer a base teórica e metodológica, estipular as lógicas do processo investigativo, seja o método indutivo, hipotético-dedutivo, dedutivo, dialético. Estabelecer o método é sinalizar os princípios e diretrizes do estudo científico. É escolher os arranjos conceituais, os procedimentos metodológicos, as técnicas de pesquisas, os modos de sistematização das experiências, os ângulos de análise dos fenômenos abordados na investigação, assim como construir articulações com as concepções gnosiológicas, políticas e pedagógicas. (Ghedin; Franco, 2008).

A pesquisa requer uma série de normas, ritos e protocolos, impondo diversos desafios como: estabelecer um aparato teórico-metodológico para interpelar e interpretar a realidade e os sujeitos, categorias orientadoras do olhar da pessoa pesquisadora, direcionando os procedimentos técnicos e as escolhas das abordagens em campo e as relações com os/as sujeitos/as.

A concepção moderna/colonial de ciência designa que fazer ciência é capturar o fenômeno e atribuir sentido a ele, de acordo com os cânones do mundo acadêmico, além de enquadrar as experiências registradas nos códigos linguísticos cientificamente edificadas e validadas. Contudo, essa neutralidade axiológica pregada pelas narrativas científicas hegemônicas, presentes no ambiente de pesquisa, acaba por colonizar diversas possibilidades de conhecimentos-outras. As metodologias, os procedimentos e as abordagens não enquadradas no repertório moderno/colonial de produção de conhecimento são subalternizados (Quijano, 2007; Curiel, 2007, 2009; Cusicanqui, 2010; Fanon, 2008; Segato, 2012; Maldonado Torres, 2016).

Enrique Dussel (1974) nos alerta que o método de um processo de elaboração de conhecimentos sobre os fenômenos da realidade social, são mecanismos que vão além da escolha dos procedimentos, protocolos e técnicas de investigação científica, eleger um método, especialmente nas ciências humanas e sociais, é se posicionar diante do mundo e diante das problemáticas sociais, é um processo de conexão dos fenômenos educativos, políticos, históricos, econômicos entre outros aspectos da dimensão sociocultural. Esse trabalho não ocorre isoladamente, neutro e apolítico, pois é embebido por diferentes

dimensões da vida.

A educação enquanto prática social, histórica e cultural traz, para o campo de pesquisa científica, dinâmicas impossíveis de serem simplesmente enquadradas numa determinada teoria, ou, esperar que determinados protocolos de investigação sejam replicados com exatidão e/ou teoria eurocentradas, as quais ignoram os processos históricos, sociais e geográficos dos indivíduos envolvidos nos fenômenos educacionais.

Como corroboram os autores:

A educação é uma prática social humana; é um processo histórico, inconcluso, que emerge da dialética entre homem, mundo, história e circunstância. Sendo um processo histórico, não poderá ser apreendida por meio de estudos metodológicos que congelam alguns momentos dessa prática. Deverá o método dar conta de aprender em sua natureza prática real concreta, mas também a potencialidade latente de seu processo de transformação (Ghedin; Franco, 2008, p. 40).

Por ser uma prática concreta, forjada por pessoas e com a sua relação com o mundo, investigar os processos educativos demanda atitude ética, popular e decolonial, isso quer dizer, respeitar contextos sociais, históricos, políticos, econômicos e culturais, as instituições, os movimentos e as pessoas envolvidas no processo de investigação, bem como as territorialidades, as palavras, as subjetividades e as corporeidades dos Outros e das Outras do fenômeno educacional.

A pesquisa educacional traz uma rede de complexidades epistêmicas, uma diversidade de marcadores sociais, temáticas distintas e desafios contínuos. Nesse sentido, o método analético é uma tentativa de trilhar a exterioridade epistêmica e considerar os diversos atravessamentos presentes nos fenômenos educativos, como as suas corporeidades, linguagens e subjetividades, bem como compreender sujeitos e suas relações com os outros e com o mundo.

### **O Método Analético: construção conceitual**

Neste tópico, vamos definir o que será essa elaboração epistemológica elaborada por Enrique Dussel. A Analética é um dos fundamentos teórico-metodológicos incorporados na rede Modernidade/Colonialidade/Decolonialidade, é um arranjo metodológico parte da herança crítica do pensamento filosófico, sociológico e educativo da América Latina e Caribe. Herança crítica articulada com diferentes movimentos epistêmicos da periferia global.

O método Analético, para o Dussel, busca gerar arranjos metodológicos críticos,

emancipadores, decoloniais e populares, uma vez que é um método facilitador do pensar nas, e a partir das, margens globais da produção e circulação do conhecimento engendrado no sistema-mundo moderno/colonial.

De acordo com Dussel (1974), a produção científica hegemônica é carregada por uma arquitetura epistêmica, pedagógica e ontológica alinhada à Modernidade/Colonialidade. Essa construção científica impõe uma ontologia dominadora. Como assinala o autor, essa ontologia se expressa na afirmação do “ego conquiro”/“eu conquisto”, está vinculada ao pensamento cartesiano que é uma lógica universal, monológica e eurocentrada, a qual busca a afirmação para si e de si mesmo.

O processo de reconhecimento do mundo e dos sujeitos se consolida como uma busca monológica, pois, nos processos de negação da negação, o elemento não pertencente à totalidade hegemônica vigente é excluído, pois é necessário um processo de dominação e de controle sobre o Outro para construir a identidade universal do Eu (Dussel, 1974, 1994, 1996).

A analética emerge de um olhar filosófico, pedagógico e político contraposto a esses mecanismos totalizantes e excludentes, o método analético parte do mais além do sistema de totalidade erguido pelo sistema-mundo moderno/colonial, questiona a totalidade absoluta instituída pela modernidade/colonialidade. Logo, essa construção metodológica afirma a existência de um padrão de poder/saber fabricado e orientador dos processos de produção e circulação de conhecimento, pelo movimento do denominado espírito absoluto e a sua racionalidade hegemônica, isto é, o idealismo, pois se acredita na regência das ideias sobre o mundo e a vida. (Dussel, 1974, 1994, 1996, 2001).

A totalidade absoluta, formada pela Modernidade/Colonialidade, se manifesta desde a colonização europeia dos povos ameríndios (e na atualidade pelo imperialismo do EUA); a invasão instaurou a hierarquia “Eu/Não-Eu, Ser/Não-Ser”, ou seja, tudo aquilo circunscrito no “não-ser” é decretado como passível de controle, manipulação, de escravidão e eliminação. A colonialidade, forjada no processo de colonização, se mantém vigente e produz diferentes dimensões da vida e se manifesta de diversas formas (Dussel, 2005; Castro-Gómez, 2005; Grosfoguel, 2009; Galeano, 2013; Mignolo, 2009).

O filósofo Dussel defende a existência de outra perspectiva compreendendo a materialidade é o movimentador da vida e da sociedade, ou seja, são as condições materiais, objetivas e subjetivas, movendo a humanidade, uma vez que o pensamento humano e o

processo de conhecimento é fabricado nas relações de produção da vida cotidiana, movimento atravessado de contradições, exclusões e recriações. Esse movimento é dialético, ainda preso a um sistema de totalidade ontológica e epistêmica, contudo, olhar para as contradições pode apontar rupturas ontológicas e epistemológicas para além da totalidade, um movimento vindo do mais além do universalismo absoluto, advém das alteridades negadas por essa totalidade excludente (Dussel, 1974; Japiassu, 1986; Marcondes, 2007; Oliveira, 2016).

Essas disputas não são restritas ao campo filosófico, elas transitam em diferentes aspectos da vida social, como no campo da investigação científica em Ciências Humanas e Sociais. Para Dussel (1974), o saber-fazer científico é envolvido por disputa, existe no processo investigativo uma lógica colonial, por exemplo, a relação historicamente construída no esquema “Sujeito-Objeto” traz ao longo da história da ciência uma reprodução pautada na colonialidade cognitiva, pois o/a Outro/a é decretado/a como “uma coisa” a ser esmiuçada, verificada e testada pelos cientistas possuidores do “domínio epistêmico da coisa”. Ou seja, existe um apagamento do sujeito pesquisador e do outro sujeito que é objeto, uma vez que, nas ciências humanas, a humanidade é a centralidade do estudo.

O Método Analético, apontando para outro caminho ou “emergindo do mais além”, como afirma Dussel, é um processo que objetiva não reificar os/as sujeitos/as, os fenômenos sociais e os processos culturais. Logo, o movimento Analético é o caminho surgido da denominada exterioridade, é o processo ontológico e epistemológico desde o/a Outro/a, desde sua palavra, desde sua corporeidade no mundo, desde o seu olhar e sua “singularidade diversa”, pois o/a Outro/a:

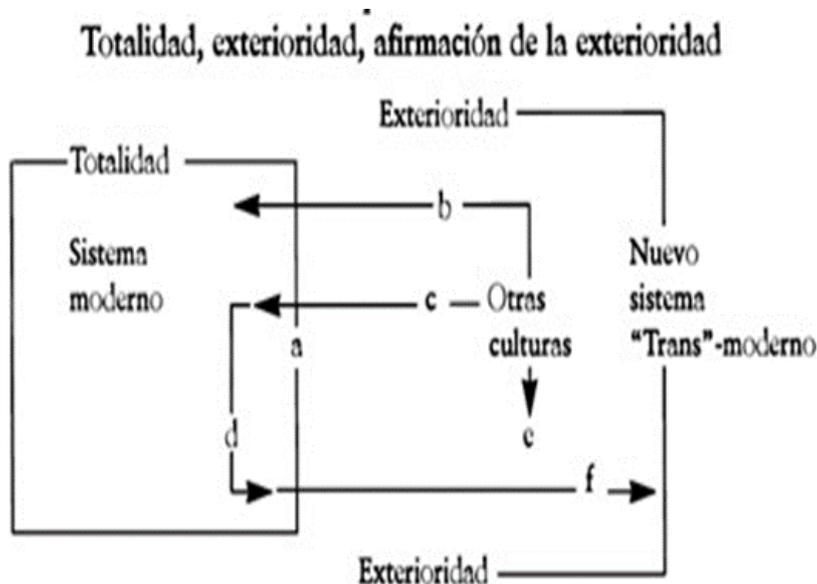
nunca es «uno solo» sino, fluyentemente, también y siempre «vosotros». Cada rostro en el cara-a-cara es igualmente la epifanía de una familia, de una clase, de un pueblo, de una época de la humanidad y de la humanidad misma por entero, y, más aún, del otro absoluto. El rostro del otro es un análogo, él es ya la «palabra» primera y suprema, es el decir en persona, es el gesto significativo esencial, es el contenido de toda significación posible en acto. La significación antropológica, económica, política y latinoamericana del rostro es nuestra tarea y nuestra originalidad. Lo decimos sincera y simplemente: el rostro del pobre indio dominado, del mestizo oprimido, del pueblo latinoamericano (Dussel, 1974, p. 182).

O/A Outro/a não é apenas uma categoria metafísica, não se reduz a uma abstração filosófica, é um ser concreto, há um rosto com cor, raça e etnia, um rosto com corpo e situado historicamente, possui gênero e sexualidade (de distintos modos), tem uma linguagem

emergente de uma territorialidade singular e está “no” e “com” o mundo.

Segundo Dussel (2001), o método possui cinco momentos do processo analético, representados no esquema abaixo:

Figura 01 – Esquema de Afirmação da Exterioridade de acordo com Enrique Dussel



Fonte: Dussel (2001).

No Esquema da figura 01, o autor esboça um arranjo dos avanços e limites das diferentes lentes analíticas, sejam os métodos com uma visão interpretativa legitimadora da modernidade/colonialidade, ou os vinculados ao olhar da vertente pós-moderna, ou aqueles alinhados ao processo analético de compreensão, denominado por ele de movimento da transmodernidade e/ou movimento decolonial (Dussel, 1974, 1994, 1996, 2001).

O esquema de forma sintética representa os seguintes componentes: a) “Pós-Modernidade” (é o limite da Modernidade e da Totalidade); b) Inclusão do/a Outro/a no mesmo (no sistema antigo); c) Interpelação inovadora frente à Modernidade; d) Subsunção do positivo da modernidade; e) Afirmação do/a Outro/a em sua Exterioridade; f) Construção da “Trans”- modernidade inovadora (como síntese de c+d+e).

O movimento analético se ergue desde a exterioridade e interpela o sistema-mundo com objetivo de desestabilizar as bases da modernidade/colonialidade, bem como criar ações políticas, cognitivas e pedagógicas fortalecedoras das concepções plurais e as distintas sociabilidades.

Para entender os caminhos do movimento analético, o pensador aponta os seguintes percursos: no primeiro momento, parte do cotidiano ontológico e é conduzido dialética e

ontologicamente até o fundamento; no segundo, evidencia, de modo epistêmico, as possibilidades existenciais; o terceiro momento tem relação com o “rostro” irreduzível do outro, pois agora ele permanece visível; o quarto e o quinto momentos têm relação com o processo de retorno, desde a negação da totalidade ontológica à positividade do outro desde a totalidade (agora ressignificada), como o autor explicita a seguir:

El pasaje de la totalidad ontológica al otro como otro es analéctica, discurso negativo desde la totalidad, porque se piensa la imposibilidad de pensar al otro positivamente desde la misma totalidad; discurso positivo de la totalidad, cuando piensa la posibilidad de interpretar la revelación del otro desde el otro. Esa revelación del otro, es ya un cuarto momento, porque la negatividad primera del otro ha cuestionado el nivel ontológico que es ahora creado desde un nuevo ámbito. El discurso se hace ético y el nivel fundamental ontológico se descubre como no originario, como abierto desde lo ético, que se revela después (*ordo cognoscendi a posteriori*) como lo que era antes (*el prius del ordo realitatis*). En quinto lugar, el mismo nivel óntico de las posibilidades queda juzgado y relanzado desde un fundamento éticamente establecido, y estas posibilidades como praxis analéctica transpasan el orden ontológico y se avanzan como «servicio» en la justicia. (Dussel, 1974, p. 183).

O método analético não se constitui apenas como uma guinada terminológica ou uma simples mudança semântica, implica, na verdade, em uma virada epistemológica e ontológica, o método reivindica uma práxis analética, isto é, um compromisso corporificado, ético e dialógico, uma vez que emerge desde as vítimas da modernidade/colonialidade.

O método exige postura ética daquele/a que se propõe a investigar a realidade desde o cotidiano, as pluralidades territoriais e o encontro com alteridades populares. Uma forma de materializar esse método, inicialmente, é realizar um balanço crítico das condições de pesquisa, realizar uma autocrítica das técnicas e dispositivos analíticos do campo científico.

Outro passo importante é materializar essa conduta no mundo e com os outros, isto é, respeitar o/a Outro/a, logo, como tal exige escuta, é imprescindível saber ouvi-lo/a

El saber-oír es el momento constitutivo del método mismo; es el momento discipular del filosofar; es la condición de posibilidad del saber-interpretar para saber-servir (la erótica, la pedagógica, la política, la teológica) [...] La conversión al pensar analéctico [...] es exposición a un pensar popular, el de los más, el de los oprimidos, el del otro fuera del sistema; es todavía un poder aprender lo nuevo. El filósofo analéctico o ético debe descender de su oligarquía cultural académica y universitaria para saber-oír la voz que viene de más allá, desde lo alto (aná-), desde la exterioridad de la dominación. (Dussel, 1974, p.185).

Esse movimento exige dos/as sujeitos/as envolvidos/as na práxis pedagógica investigativa compromisso ético, político e saber ouvir; ouvir não apenas como um giro

gramatical ou uma abstração metafísica, ou um discurso vazio, ouvir é uma metodologia, é uma postura diante do mundo e do/a Outro/a, essa atitude requer “compromisso com a libertação”.

Escutar a palavra do/a Outro/a é uma postura fundamental, pois a palavra do/a Outro/a transborda desde a exterioridade. Inicialmente, esse contato é confuso e impreciso, uma vez que a primeira ação diante do/a Outro/a é procurar encaixá-lo/a em algum padrão de identidade universalista, a qual irá informar se a/o outra/o “é isso” ou “é aquilo”, ou “não é”, esses esquemas interpretativos, *a priori*, buscam controlar e rotular as alteridades.

Escutar, receber, direcionar, interpretar, entender e respeitar a palavra do/a Outro/a é um grande desafio metodológico, o qual provoca tensões nos aspectos políticos, pedagógicos e epistemológicos, especialmente durante as experiências investigativas no campo da educação. O rosto a rosto implica sinceridade epistêmica e política, implica conflitos, implica denúncias, renúncias, anúncios e disputas (Dussel, 1974, 2005).

Esse movimento, segundo o filósofo argentino/mexicano, é designado de deslocamento “transontológico”, uma vez que a totalidade dominadora moderna-colonial é interpelada e questionada desde a exterioridade. Esse deslocamento só é possível a partir do face a face e requer confiança no/a Outro/a e do/a Outro/a.

sólo confiados en el otro, apoyados firmemente sobre su palabra, la totalidad puede ser puesta en movimiento; caminando en la liberación del otro se alcanza la propia liberación. Sólo cuando por la praxis liberadora, por el compromiso real y ético, erótico, pedagógico, político, se accede a la nueva totalidad en la justicia, sólo entonces se llega a una cierta identidad analógica [...] (Dussel, 1974, p. 192).

O método implica criar possibilidades para a palavra do/a Outro/a poder se revelar e se manifestar, pois as condições são construídas em comunhão, com confiança e criticidade, como mencionado, vai além de um processo filosófico de compreensão ontológica do “Ser e Não Ser” ou de uma aplicação puramente metodológica de pesquisa, a qual designa uma categoria teórica ao/a Outro/a; é sobretudo uma postura ética da práxis existencial, práxis essa que ajuda a pensar processos metodológicos descolonizadores no campo da educação.

É necessário, inclusive, realizar um processo contínuo de crítica ao processo analético de interpretação, e compreender a existência de outros métodos aliados, logo, é necessário estabelecer redes epistêmicas.

Como já assinalado, Dussel é um dos pensadores/ativistas decoloniais afirmadores da

existência, na organização do sistema-mundo moderno/colonial, de raízes históricas marcadas pela exploração do trabalho, espoliação de recursos naturais, subalternização humana, acumulação de capital, negação da alteridade e socialização de miséria (Dussel, 2005; Castro-Gómez, 2005; Grosfoguel, 2009; Galeano, 2013; Mignolo, 2009).

Assim, para interpretar a realidade e os fenômenos sociais, históricos e filosóficos, implica em não aceitar, como única narrativa, uma perspectiva pautada em uma lógica etnocêntrica e uma universalidade assimétrica. Portanto, o coletivo de intelectuais/ativistas da rede Modernidade/Colonialidade propõem uma perspectiva Decolonial para compreender, interpretar, reinterpretar e atuar nas realidades latino-americanas e caribenhas. Isso significa que o método analético é nutrido por outras contribuições críticas, libertadoras e descolonizadoras. Logo, o movimento analético é um movimento “antropofágico epistemológico”, uma vez que ele vai subsumindo e aprendendo com novas abordagens, métodos e dispositivos analíticos.

### **O Método Analético: construção de redes epistemológicas**

No processo de investigação, no campo da educação, surgem situações assimétricas de poder/saber, das quais emergem uma multiplicidade de conflitos, limites políticos, digressões e contradições pedagógicas. São situações que provocam os sujeitos envolvidos no processo de pesquisa, incentivando a realizar escolhas, indicar temas e estabelecer posicionamentos epistêmicos e éticos. Os fundamentos de uma pesquisa descolonizada, ou decolonial, são testados e questionados permanentemente através desse processo metodológico. (Dussel, 1974, 1994; Souza; Oliveira, 2022; Souza, 2021).

O arranjo teórico e metodológico, a partir das contribuições de Enrique Dussel, possibilita a organização de estruturas epistemológicas, ontológicas e pedagógicas desde as alteridades negadas. O primeiro ponto, sinalizado por Enrique Dussel, é a não realização desse processo de maneira isolada, monológica e unidirecional. Uma pesquisa descolonizadora é cultivada a partir da comunhão das tradições críticas do pensamento latino-americano e caribenho, da produção intelectual da periferia global do sistema-mundo e da herança coletiva de movimentos de educação popular, crítica e libertadora e das construções epistêmicas dos movimentos sociais.

Dussel (2005) nos convinda à reinvenção, à recriação, uma vez que todo processo de produção de conhecimento e de investigação é iniciado em conexão com as epistemologias

críticas, inclusive, se reapropriando de elementos positivos das epistemologias hegemônicas.

Como elucida Frantz Fanon (1968, p. 275):

A humanidade espera de nós uma coisa bem diferente dessa imitação caricatural e, no conjunto, obscena. Se desejamos transformar a África numa nova Europa, a América numa nova Europa, então confiemos aos europeus o destino de nosso país. Eles saberão fazê-lo melhor do que os mais bem dotados dentre nós. Mas, se queremos que a humanidade avance um furo, se queremos levar a humanidade a um nível diferente daquele onde a Europa a expôs, então temos de inventar, temos de descobrir. Se queremos corresponder à expectativa de nossos povos, temos de procurar noutra parte, não na Europa.

Recriar, a partir do pensamento da periferia global, é apontar para a descolonização cognitiva, é fortalecer pensamentos localizados na periferia do sistema-mundo moderno/colonial, alicerçando, assim, fissuras que permitam conceber conhecimentos-outros, imaginários-outros, afetos-outros, dentre modos-outros de sociabilidade, sendo importante destacá-lo ainda como um caminho em construção.

A constituição do arranjo epistêmico do trabalho científico, numa perspectiva dusseliana, procura inspiração teórica e metodológica na história do pensamento/prática crítica da Abya yala/Ameríndia/América Ladina, a qual busca aliança em diferentes abordagens críticas e anticoloniais. É um processo em formação, ainda incipiente e objetiva produzir diálogos investigativos que respeitem os sujeitos em sua integridade e interpretem e dialoguem com o mundo, desde suas raízes e territórios (Dussel, 1974, 1994, 1996, 2001; Souza, 2021).

Como é feito esse arranjo epistêmico? Ele pode ser concretizado desde a seleção das obras, isto é, a construção de um repositório bibliográfico incluindo autores e autoras de diferentes latitudes, gêneros, línguas, etnias, raças, classes, entre outros marcadores socioculturais.

Desse modo, se trata de criar espaços formativos com a finalidade de congregar experiências cognitivas de diferentes territórios periféricos do mundo, os quais dialoguem de forma crítica com epistemologias hegemônicas, sem se esqueceres dos limites e das disputas desses encontros. É evidente que uma conjunção cognitiva diversa não se constitui de qualquer jeito, é necessário um repertório crítico relacionado às dinâmicas dos territórios e dos sujeitos do processo, isto é, precisa fazer sentido para os coautores da pesquisa.

O/A pesquisador/a aprende com os coletivos de educação, aprende com a

solidariedade dos movimentos sociais e organizações políticas, aprende com as lutas locais e internacionais. Esse movimento de redes epistemológicas ajuda na consolidação de relações dialógicas a diversos movimentos anticapitalistas, antirracistas, antipatriarcais e anticoloniais do mundo com a finalidade de buscar inspirações nas abordagens teóricas do sul global, promovendo diálogos conceituais e metodológicos, provocando encontros possibilitando a criação de outros olhares sobre a produção e a circulação de conhecimentos. (Dussel, 1974, 1994, 1996, 2001).

### **O Método Analítico: o pesquisador e os co-pesquisadores e/ou coautores**

Outro aspecto importante é a relação estabelecida entre os/as sujeitos/as do processo de pesquisa. Como viabilizar uma participação investigativa que consolida uma autoria coletiva? Não existe pesquisa descolonizada sem a permissão dos/as sujeitos/as para frequentar os espaços, acompanhar as atividades, reuniões, formações e realizar registros. É imprescindível respeitar as pessoas envolvidas, os costumes, as regras e os princípios partilhados pela comunidade acolhedora do/a pesquisador/a. A coautoria somente se efetiva quando há respeito mútuo e confiança entre os/as protagonistas da pesquisa.

Essa confiança é constituída e vivenciada no cotidiano, enfrentando as dinâmicas da rotina e os problemas surgidos. É fomentando um compromisso político, ético e pedagógico com os/as protagonistas, com os territórios e com os movimentos populares. O compromisso estabelecido precisa de um vínculo sincero e de engajamento com as ações dos coletivos, essa participação não perde de vista os diferentes papéis desse processo, pois, além de autor/a do trabalho acadêmico, o/a pesquisador/a é vinculado/a à Universidade, instituto de pesquisa e/ou centro de pesquisa não governamental. (Dussel, 2005; Souza; Oliveira, 2022).

É importante pontuar esses papéis porque cada posição social apresenta um limite, possui um ângulo sobre os acontecimentos do cotidiano, há diferentes expectativas entre o/ pesquisador/a e os/as militantes populares, tais expectativas se aproximam e se distanciam.

Não existe problema em demarcar esses papéis, desde que se desconstrua a tradicional assimetria de poder/saber da ciência moderna hegemônica, a qual inferioriza indivíduos em “sujeito-objeto; saber e não saber; ser e não ser”, e que o/a pesquisador/a seja franco/a com as pessoas convidadas a participar da pesquisa, eles e elas também são autores/as. É imprescindível deixar sublinhados os objetivos, as instituições envolvidas e os riscos e benefícios da pesquisa acadêmica (Dussel, 1974, 1994, 1996, 2001).

Compreender e assumir os limites do processo de investigação, por exemplo, no processo de análise, o limite é inscrito pelo ato de categorizar e sistematizar a vivência do/a Outro/a, isto é, traduzir a palavra do/a Outro/a é sempre isso (!), uma tradução, uma tentativa de transpor os significados das falas e das vivências dos sujeitos para o escrito, é uma tentativa de ser fiel às interpretações forjadas pelos/as entrevistados/as, porém, toda a transposição de significados pode cair numa traição da palavra do/a sujeito/a, ou redução desses significados, mas é o risco corrido durante o processo de pesquisa. O caminho apontado é perguntar como o/a sujeito/a da pesquisa quer contribuir nesse processo de análise (Souza, 2021).

Ao mesmo tempo, o processo de categorização, organização e sistematização permite visualizar, nos interstícios e nos deslocamentos dessas experiências, os diferentes movimentos, gestos, visões, crenças, rupturas e/ou as diferentes posturas políticas, éticas, pedagógicas, epistêmicas e as concepções de mundo, as quais somente uma arquitetura analítica pode identificar partir das entrevistas semiestruturadas, das observações participantes, das experiências em campo, do acompanhamento virtual, dos registros audiovisuais e fotográficos, produções bibliográficas coletadas, das narrativas compartilhadas.

É importante destacar as fronteiras decorrentes dessas vivências, pois, partir da exterioridade, compreender o/a Outro/a como tal, escutar a sua palavra, ter compromisso ético e crítico, interpretar a partir da ação e da participação dos sujeitos, compreender a corporeidade, entrar em diálogo com o/a Outro/a, ouvir suas histórias, individual e coletiva, e entender as dinâmicas dos territórios onde está inserido/a sempre trarão, para o/a pesquisador/a, limitações e interdições. (Dussel, 1974, 1994, 1996, 2001).

Esse encontro intersubjetivo é sempre uma tradução daquilo que o/a Outro/a disse, é sempre uma tradução dos gestos, das expressões corporais, das situações e dos sentimentos. É sempre uma atribuição de sentidos às interjeições, aos comportamentos e aos símbolos apresentados. É sempre uma aproximação, pois o/a Outro/a sempre está em fuga de qualquer enquadramento. O/A Outro/a da pesquisa é indagado/a e interpelado/a pelo/a Outro/a que escreve, grava, transcreve e seleciona o que será apresentado e como será representado. O diálogo entre o/a pesquisador/a/educando/a e o/a educador/a/educando/a/sujeito de pesquisa é composto por alteridades em movimento. (Dussel, 1974, 1994, 1996, 2001).

O processo de análise, na investigação acadêmica, impõe limites, aproximações e digressões, pois os procedimentos de exploração e de compreensão das entrevistas concedidas e das anotações das observações participantes exigem a tomada de algumas escolhas, eleger os trechos a serem analisados, eleger os momentos a serem descritos e a seleção dos núcleos problemáticos, os quais brotarão do conjunto dos dados e das vivências. Por isso, a construção do trabalho acadêmico se ancora numa comunhão com os coautores da investigação.

**O método Analético e Investigação – Ação Participativa: Diretrizes para uma pesquisa educacional descolonizada.**

Nesse tópico, apresento algumas diretrizes construídas por Orlando Fals Borda e diálogo com os aportes do método analético, uma vez que, o método dusseliano promove processos investigativos-participativos questionadores do corpus acadêmico hegemônico, o qual alimenta a importação e reprodução de diversas teorias, metodologias, pedagogias e filosofias eurocêntrico-ocidentais que formam o pensamento latino-americano e acabam contrastando com a realidade do continente, como também provocando análises colonizadas sobre a realidade e as relações sociais engendradas. (Fals Borda, 2008; Dussel, 2005).

O processo de investigação analético e participativo considera como protagonistas todos sujeitos envolvidos, independente dos seus possíveis papéis na pesquisa, o conhecimento gerado, selecionado e partilhado é fruto desse encontro de alteridades. Todos e todas participam do processo.

Conforme define Orlando Fals Borda (2012) participar é:

por lo tanto, el rompimiento voluntario y vivencial de la relación asimétrica de sumisión y dependencia, implícita en el binomio sujeto/objeto. Tal es su esencia auténtica. El concepto general de participación auténtica que proponemos aquí se enraíza en tradiciones culturales propias del pueblo raso de nuestros países y en su historia real (no la elitista), convergentes con sentimientos y actitudes altruistas, cooperativas, comunales y verdaderamente democráticas. Este concepto se enraíza en valores populares esenciales que sobreviven desde la praxis original a pesar del destructivo impactado de conquistas armadas, violencias e invasiones foráneas de todo tipo [...] (Fals Borda, 2012, p. 391).

Os sujeitos participam e articulam o vivencial e o racional, pois são seres “sentipensantes”, seres compartilhadores de saberes, visões sobre o mundo, memórias

coletivas e amorosidade comunitária. Essa concepção epistêmica entende as vivências como plurais, por isso, necessitam ser consideradas de forma conjunta, consideradas como um movimento de ação, participação e partilha, o qual congrega a racionalidade e a sensibilidade no processo de investigação e atuação política-pedagógica.

A experiência com a pesquisa educacional, os diálogos com as obras de Enrique Dussel, os estudos das pedagogias decoloniais e as leituras dos pensadores e pesadoras latino-americanos/as e caribenhos/as (em especial com o sociólogo Orlando Fals Borda) nos levam a sinalizar as seguintes diretrizes para a construção de uma investigação científica crítica, decolonial e emancipatória, são elas:

**a) Autenticidade e Compromisso:** O contato entre os sujeitos em processo de construção de conhecimento precisa ser franco, o/a pesquisador/a não precisa se disfarçar de “campesino, militante popular ou em qualquer outro tipo”, aquele/a que propõe investigar com coletivos de educação necessita assumir o seu papel, assumir as suas contradições e limitações enquanto acadêmico/a. É imprescindível estar comprometido com a causa do coletivo no qual ele/a está inserido/a e apresentar aportes concretos ao coletivo de forma autêntica. (Fals Borda, 2012).

É importante deixar evidente o papel que a/o pesquisador/a tem nessa relação pedagógica e investigativa, é preciso ficar evidente para aquele/a a pesquisar, uma vez que, é um indivíduo que está/é no mundo e carrega muitos marcadores sociais.

Evidente a existência de regulamentos e compromissos institucionais e jurídicos como: “os rituais” da pós-graduação, os prazos das agências de fomento. Todos esses regulamentos são contingências a acompanhar o processo de pesquisa e suas diferentes finalidades, toda essa trama precisa ser comunicada e negociada com todos/as os/as envolvidos/as.

Essas contingências não impedem, no entanto, o compromisso ético e político do/a pesquisador/a com o coletivo investigado, uma vez que a pesquisa em educação exige posicionamento ético, político e pedagógico, seja direta ou indiretamente.

Enquanto pesquisador/a, desenvolvemos vínculos políticos e afetivos com educadores/as e coletivos de educação, uma vez que, esses/as coautores/as doaram parte do tempo, abriram as portas dos seus territórios educativos e cederam parte dos seus conhecimentos, afetos, memórias e sonhos construídos.

**b) Antidogmatismo:** é preciso abandonar qualquer pretensão de construir uma

pesquisa a ser dirigida para os/as sujeitos/as, ou seja, entrar em contato com o coletivo apenas para comprovar o objetivo de pesquisa, uma teoria científica ou uma tese acadêmica. Assim como tentar enquadrar esquemas abstratos, os quais não condizem com o território investigado ou impor aos/às sujeitos/as suas crenças, dogmas e ideologias (Fals Borda, 2012).

A pesquisa é um encontro entre subjetividades, concepções, afetos, objetivos e posicionamentos éticos e políticos. O método analético propõe ser uma construção a partir do diálogo com os/as educadores/as, o problema de pesquisa inicialmente é pensado a partir das vivências do pesquisador, a partir de uma pesquisa bibliográfica prévia das referências do tema das produções dos coletivos investigados.

O problema de pesquisa, o roteiro de entrevista e dos registros em campo, o processo analítico e núcleos temáticos de análise são redesenhados a partir das vivências do cotidiano e reconstruído com os coautores. É uma teorização negociada e mediada pelos coletivos e pelos interesses em disputa.

**c) Devolução Sistemática:** Após o processo de submersão e construção epistemológica, chega o momento da devolutiva aos coletivos, trazer contribuições concretas com alguma relevância para o fortalecimento do coletivo (Fals Borda, 2012).

Investigar, no campo da educação, exige um compromisso político com os coletivos de educadores e educadoras, com organizações educacionais e movimentos sociais da educação, é um processo de “investigar, o qual exige participação nos processos de luta e contribuição concreta com as demandas sociopolíticas e pedagógicas do movimento, respeitando, evidentemente, o protagonismo dos/as sujeitos/as populares.

**d) Ritmo de Reflexão-Ação:** a elaboração do conhecimento é um processo constante de reflexão e ação, partindo do cotidiano individual e coletivo. Conforme a realidade vai apresentando questões para serem problematizadas, os “sujeitos-investigadores” vão criando instrumentos de apreensão dos dados, sistematização dos relatos e das experiências em campo, elaborando elementos para as análises teórico/práticas e, ao mesmo tempo, confrontando essas impressões iniciais com a dinâmica do real. Logo, ao longo da pesquisa, refletem e reformulam as considerações e indicativos de pesquisa. Assim, esse movimento de ação/reflexão/ação potencializa as práticas cotidianas dos coletivos envolvidos (Fals Borda, 2012).

### **Considerações Finais**

No início desse trabalho foram feitas as seguintes indagações: Como construir uma pesquisa decolonial? Como elaborar uma investigação que considere os sujeitos como co-pesquisador/a e/ou coautores/as? Como produzir conhecimento a partir das alteridades? Como respeitar as dinâmicas sociais e territoriais dos coletivos envolvidos? Como realizar um trabalho científico com coletivos de educação? Como evitar abordagens, dispositivos e técnicas colonizadoras de pesquisa?

Como já foi assinalado, o intuito não é fornecer respostas absolutas ou soluções encantadas, o movimento desse trabalho foi compartilhar alguns suportes praxiológicos e reflexões ontológicas e epistemológicas, tendo como base as construções filosóficas, pedagógicas e políticas de Enrique Dussel em cooperação com autores/as do pensamento social crítico da América Latina e Caribe.

As diretrizes, propostas e meditações aqui apresentadas têm como finalidade estruturar um conjunto de práxis decolonizadoras no campo da pesquisa educacional, pesquisar, desde a exterioridade do sistema-mundo moderno/colonial, traz inúmeros desafios e limitações, realizar uma investigação que respeite e reconheça as alteridades dos processos educativos demanda novos rigores metodológicos e teóricos, isto é, requer estabelecer relações participativas com os/as sujeitos/as e com os territórios, procurar ser transparente com os papéis assumidos e com os indivíduos envolvidos, assim como mobiliza estratégias de subsunção epistemológicas.

### Referências

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La hybris del punto cero: ciência, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816)**. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2005.

CURIEL, Ochy. Crítica poscolonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista. **Nómadas**. Bogotá, núm. 26, p. 92-101, 2007.

CURIEL, Ochy. Descolonizando el feminismo: una perspectiva desde America Latina y el Caribe. **Primer Coloquio Latinoamericano sobre Praxis y Pensamiento feminista**, Buenos Aires, 2009.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Ch'ixinakax utxiwa**. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

DUSSEL, Enrique. **Método para una filosofía de la liberación**. Salamanca, España: Sígueme. 1974.

DUSSEL, Enrique. **1492 El encubrimiento del Outro Hacia El origen del “mito de La Modernidad”**. Conferencias de Frankfurt, Octubre 1992. Colección Academia. La Paz: Plural Editores – Faculdade de Humanidades y Ciencias de La Educación – UMSA, 1994.

DUSSEL, Enrique. **Introducción a la filosofía de la liberación ensayos preliminares y bibliografía**. 5a. Ed. Ed. Nueva América, Bogotá, 1995.

DUSSEL, Enrique. **Filosofía de La Liberación**. Bogotá: Nueva América, 1996.

DUSSEL, Enrique. **Oito ensaios sobre cultura latino-americana e libertação**. São Paulo: Paulinas, 1997.

DUSSEL, Enrique. **La ética de la liberación: ante el desafío de Apel, Taylor y Vattimo con respuesta crítica inédita de K.-O. Apel**. México: Universidad Autónoma del Estado de México, 1998.

DUSSEL, Enrique. **Hacia una filosofía política crítica**. Bilbao: Desclée de Brower, 2001.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A Colonialidade do Saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais perspectivas latino-americanas**. Colección Sur-Sur. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2005.

DUSSEL, Enrique . **20 Tesis de política**. México. Siglo XXI, 2006.

DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação na idade da globalização e da exclusão**. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

DUSSEL, Enrique. **A produção teórica de Marx: um comentário aos Grundrisse**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FALS BORDA, Orlando. Metodología (IAP). In: HERRERA FARFÁN, Nicolás Armando y LÓPEZ GUZMÁN, Lorena. (Comps.) **Ciencia, compromiso y cambio social**. Textos de Orlando Fals Borda. Buenos Aires: El Colectivo - Lanzas y Letras - Extensión Libros, 2012. p. 211-348.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre: RS: L&PM, 2013.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em Educação**. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GROSGUÉL, Ramon. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina: 2009. p. 383-417.

JAPIASSU, Hilton Ferreira. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 4ª ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1986.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Transdisciplinaridade e decolonialidade. **Revista Sociedade e Estado**. [S. l.], v. 31. n. 1. P.75-97, 2016.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 2ª ed. rev. e amp. - Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MIGNOLO, Walter. La idea de América Latina (la derecha, la izquierda y la opción decolonial). **Crítica y mancipación**. v. 1 n. 2, p. 251-27, 2009.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno. **Epistemologia e Educação: bases conceituais e racionalidades científicas e históricas**. Petrópolis: Vozes, 2016.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL Ramón (ed.). **El Giro Decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más Allá del capitalismo global**. Bogotá: Iesco-Pensar-Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 93-126.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **E-Cadernos CES (Online)**, v. 18, p. 1-5, 2012.

SOUZA, Sulivan Ferreira de. **Vivências em educação popular da/na América Latina e Caribe: um diálogo entre Brasil e Argentina**. 304 fl. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social - Faculdade de Educação: Belo Horizonte, 2021.

SOUZA, Sulivan Ferreira de; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Universidade amazônica, colonialidade do saber e filosofia: arranjos epistêmicos e concepções. **Perspectiva**, v. 40, n. 3, p. 1-22, 2022.

## Sobre o autor

### Sulivan Ferreira de Souza

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pedagogo e mestre em Educação pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), Professor da Universidade Federal do Pará (UFPA) – Faculdade de Etnodiversidade com atuação no Curso de Licenciatura em Etnodesenvolvimento. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos em Etnodiversidade (PPGEtno/UFPA). Membro do GT CLACSO – Educação Popular e Pedagogias Críticas. Membro do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (UEPA). Líder do TAJÁ - Núcleo de Estudos e Pesquisas - Territórios Amazônicos, Educação Popular e Etnodiversidade (UFPA/CNPQ). E-mail: [sulivantris@gmail.com](mailto:sulivantris@gmail.com) e [sulivan\\_ferreira@ufpa.br](mailto:sulivan_ferreira@ufpa.br); Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6453501332505435>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3391-0265>.

Recebido em: 09/11/2023

Aceito para publicação em: 19/12/2023